

BESTSELLER DO *NEW YORK TIMES*

OS DIAS

«Amo este livro com todo o meu coração.» ANN NAPOLITANO

PATRICK

«Um romance glorioso.» ANN PATCHETT

RYAN



«Esta história, discretamente comovente e cheia de nuances [...] consegue fundir habilmente reviravoltas surpreendentes e ideias profundas, à medida que segue aquilo que, à primeira vista, são pessoas banais a viverem vidas banais. O resultado é um livro profundamente recompensador que transborda de autenticidade.» **Booklist**

«Omnisciente, arrebatador e quase combativamente sentimental, *Os Dias* lembra-nos o prazer que é seguir personagens ao longo das suas vidas, através de nascimentos, mortes, casamentos, tragédias e, neste caso, reconciliações pelas quais se lutou. Torna-se óbvio que o autor adora estas pessoas, apostando, e bem, que também o leitor adorará.» **The New York Times Book Review**

«Cuidadosamente escrito e comovente [...] *Os Dias* consegue atrair o leitor até a um determinado tempo e espaço, agarrando-o e seduzindo-o. Esta crónica de perdas e perdão arde lenta e esperançosamente até ao final.» **BookPage**

«Um romance tradicional na melhor maneira possível: longo, com um ritmo generoso e ponderado, e preenchido por personagens amigáveis e completas que experienciam as alegrias e sentimentos do dia a dia.» **Library Journal**

«[*Os Dias* é] um daqueles romances únicos que aparecem a cada década. Lemo-lo uma vez e, apesar de ser longo, queremos relê-lo. É certamente um livro que recomendarei a toda a gente.»

Jenna Bush Hager, TODAY Show

«Patrick Ryan criou um mundo e personagens que existem agora dentro de mim, e como leitora essa é a minha maior alegria.»

Ann Napolitano, autora de *Olá, Linda*

«Patrick Ryan é há muito um dos meus escritores favoritos. Tenho a sensação de que, com este livro, ele vai tornar-se o escritor favorito de todos.» **Ann Patchett**

«Maravilhoso.» **Tom Hanks**

Para Ann e Karl VanDevender

PRIMEIRA PARTE

Capítulo 1

Cal Jenkins nasceu na primavera de 1920 com uma perna mais curta do que a outra. Apenas cinco centímetros mais curta, mas o suficiente para dificultar muitas coisas. Aprender a equilibrar-se numa bicicleta levou-lhe o dobro do tempo em relação aos outros miúdos. O atletismo estava fora de questão. Tal como caminhar sem um coxear acentuado ou subir e descer escadas sem se agarrar ao corrimão, até que o pai, carpinteiro amador e colecionador de sucata, melhorou a sua condição ao talhar uma sola nova e mais grossa a partir de um pneu e pregando-a ao sapato esquerdo. Na escola, os rapazes troçavam da forma como Cal andava, e depois troçavam do sapato com a sola grossíssima (alguém reparou nisso na primeira hora do primeiro dia em que o usou). No entanto, um rapaz de faces rosadas, pequeno para a idade, puxou Cal à parte durante a reunião matinal e disse-lhe que ele era único aos olhos de Deus.

— Eu sei — disse o rapaz —, porque eu também sou. Não consigo tocar nas pontas dos pés, percebes? Tenho os tendões das pernas invulgarmente curtos. — Curvou-se para demonstrar, e as pontas dos dedos mal chegaram aos joelhos. — Cada um de nós nasceu para uma coisa especial — disse o rapaz, e quando Cal lhe perguntou qual era a sua coisa especial, o outro encolheu os ombros e respondeu que ambos teriam de esperar para descobrir.

O que descobriram, separadamente e anos mais tarde, depois de o Japão bombardear Pearl Harbor e lançar o pânico no país, depois de os rapazes deixarem de esperar que o seu número fosse chamado e começarem a alistar-se, foi que ter uma perna cinco centímetros mais curta do que a outra era o que bastava para tornar uma pessoa inapta para o serviço militar, ao passo que ter os tendões das pernas invulgarmente

curtos não bastava. Esse rapaz, Sean Robison, foi enviado do Ohio para o Mississippi para o treino básico, e depois para a Tunísia, e da Tunísia para a Sicília, e da Sicília para a Alemanha, onde foi atingido no pescoço, na Floresta de Hürtgen, enquanto recarregava a espingarda e recitava o Pai-Nosso. Cal ficou na terra natal e arranhou trabalho numa fábrica de betão. Leu banda desenhada e romances de aventuras até aos vinte e tal anos. Casou com uma rapariga da zona chamada Becky e acabou por ir trabalhar para a loja de ferragens do sogro. Por vezes, perguntava-se se alguma vez descobriria qual era a sua «coisa especial», o seu propósito, como decidira chamá-lo, sobretudo perante uma guerra mundial que não o queria. Sentia-se tão consciente de não estar no estrangeiro que o próprio coxear parecia agravar-se por si só. Falava às pessoas da sua perna, pessoas essas que não lhe perguntavam sobre ela e a quem isso não interessava. Por vezes, até apontava para os sapatos, agora encomendados a uma empresa de material médico em Dayton. «A minha condição provoca problemas na anca», dizia. O que era verdade, embora ainda não tivesse sentido nenhum.

Bonhomie fora fundada em 1857, num recanto a noroeste do Ohio, por um pequeno grupo de comerciantes e suas famílias, em terras moldadas pela última Idade do Gelo, quando um glaciar desceu do Canadá e derreteu, criando não só as cataratas do Niágara e os Grandes Lagos, mas também um vasto pântano que cobria o Norte do Ohio e do Indiana, demorando trinta anos a drenar e deixando um solo densamente fértil para a agricultura. A povoação foi construída com madeira, xisto e calcário locais, e com granito vindo da Carolina do Norte, mármore do Vermont e do Colorado, e aço da Pensilvânia, tudo trazido pelos caminhos de ferro. Durante algum tempo, a povoação foi uma grelha de nove ruas, quatro no sentido norte-sul e cinco no sentido este-oeste. A população cresceu internamente tanto quanto conseguiu, e externamente tanto quanto precisou. Insuflava com os trabalhadores sazonais e as suas famílias durante as colheitas de milho, trigo, tomate e beterraba, e voltava a encolher quando eles partiam. Outros, ainda, mudaram-se para a zona pelos empregos criados pelas fábricas que foram surgindo em redor do condado de Hancock. Os imigrantes vindos da Itália, Áustria, Hungria, Polónia, Rússia e muitos outros países passaram por Ellis Island e foram absorvidos pelas cidades e vilas de leste, embora alguns seguissem para

oeste, e foram alguns desses que pararam e se fixaram em Bonhomie, um lugar que lhes parecia ser tão bom como qualquer outro. Com o tempo, a grelha original passou a ser conhecida como o centro, e o que não era centro passou a chamar-se bairros. Não secções, o que teria sugerido linhas de divisão claras e a necessidade dessas linhas, mas bairros no sentido geral, que se formavam à medida que as pessoas encontravam os seus. Havia bairros ricos e bairros pobres, e todos os que ficavam entre uns e outros. Havia um bairro chamado Tiller's Flat, onde viviam várias famílias mexicanas e quase todas as famílias negras da pequena cidade — menos de uma dúzia —, muitas das quais tinham vindo do Sul para trabalhar na indústria (e para se afastarem do próprio Sul). Havia um bairro de prédios e bangalós chamado Chesterton, composto sobretudo por famílias migrantes vindas do Oeste, e um bairro situado entre as duas sinagogas, considerado maioritariamente judeu. Quando as pessoas queriam apontar um bairro irlandês, podiam sempre referir-se ao quarteirão onde ficava a escola St. Catherine's and Good Shepherd, que chamavam de Vaticano. E espalhadas por todos esses bairros, havia as pessoas que não se sentiam pertencer a grupo algum, a maioria delas protestante.

Quando os Estados Unidos entraram na Segunda Guerra Mundial, a população de Bonhomie ultrapassava já os seis mil habitantes. A pequena cidade tinha a sua própria força policial, corpo de bombeiros e escola profissional. Contava com duas dúzias de restaurantes (se incluíssemos cafés e balcões de refrigerantes), cinco bancos, quatro lavandarias, duas lojas de discos e um cinema. A indústria prosperava dentro e em redor da cidade, como fora o caso da J & J Concrete, da Tuck & Sons Aluminum e da Mid-American Canning Company; e a indústria sucumbia, como se dera com a Ingleton's Fizzy Pops, a Dilco's Feed & Supplements e a Hancock Bell & Skillet Company. Havia um lago em forma de ferradura, com cerca de quatrocentos metros de largura, a sul da cidade, junto à Estrada 18. A norte, onde a rampa de saída da Cooper Road desembocava na Autoestrada 23, a tulipa néon da Tuck & Sons, com seis metros de diâmetro, cor-de-rosa e espalmada como um estêncil, erguia-se no alto de um poste de trinta metros, visível a quilómetros de distância. A leste, no fim da Main Street, erguia-se um silo de cereais enferrujado, ainda com o logótipo axadrezado da Purina, como um monólito. Os comboios de passageiros e de carga passavam

pela pequena cidade dia e noite; alguns paravam para deixar ou recolher pessoas, correio e mercadorias, mas a maioria seguia sem se deter na estação, ignorando-a por completo.

Bonhomie não era pequena ao ponto de todos se conhecerem, mas era suficientemente pequena para que, mais cedo ou mais tarde, quase todos sentissem que já tinham posto os olhos em quase todos os outros. Desde o início da guerra que se viam cada vez menos rapazes na Main Street; em contrapartida, não faltavam veteranos de 50 anos ou mais que tinham combatido na guerra anterior: um que perdera um braço e usava a manga presa, outro que se movia com muletas de madeira porque uma das pernas lhe fora arrancada logo abaixo do joelho. O pai de Cal recebera uma Purple Heart por ter sido atingido no ombro ao puxar um oficial ferido para dentro de uma trincheira em Meuse-Argonne, embora a medalha não estivesse à vista na sua casa cada vez mais atafalhada e ele não quisesse falar dos tempos da guerra.

Cal espantava-se com o impacto que cinco centímetros de perna podiam ter na vida de uma pessoa. Por lhe faltarem esses centímetros, ganhara o que lhe parecia ser uma vida plena e saudável; mas sentir-se feliz com isso não lhe parecia certo, não quando um milhão de jovens tinham sido recrutados no primeiro ano da entrada dos Estados Unidos na guerra, e dez milhões até ao início de maio de 1945. Nessa terça-feira de manhã, Cal acabara de abrir a Hanover Hardware, na Sutton Street, e estava sentado num banco atrás do balcão a separar uma caixa de anilhas quando uma mulher entrou e perguntou se ele tinha um rádio.

A mulher tinha uma frente alta e o seu cabelo ruivo penteado em Victory Rolls. O vestido verde-hortelã e o chapéu *pillbox* a condizer, as luvas brancas e o batom coral sugeriam a Cal que era uma mulher com dinheiro. Os olhos dela fixaram-se nos dele enquanto avançava pelo chão de linóleo. Cal disse-lhe que sim, havia um *Zenith*, mas que não estava à venda; estava no escritório. Ela perguntou onde era o escritório.

— Na cave — disse Cal, apontando com a cabeça para as escadas no fim do balcão. Sem dizer uma palavra, a mulher passou por ele e, ignorando o letreiro escrito à mão que dizia «Só Para Funcionários», começou a descer as escadas.

— Minha senhora? — chamou Cal. Largou as anilhas na caixa e seguiu-a.

A cave era usada sobretudo para o excedente de *stock*, embora não houvesse muito a armazenar nos últimos anos, dado que toda a produção se virava para o esforço de guerra. Cal alcançou-a já ela avançava entre duas fileiras altas de prateleiras quase vazias. Indicou-lhe o canto que o dono da loja, o seu sogro, Roman Hanover, designara como escritório.

Em frente ao catre onde Roman fazia as suas sestras, havia uma secretária minúscula onde tratavam da papelada e onde Cal almoçava, ouvia os programas de rádio e lia romances de aventuras. Estava, nesse momento, a meio de *The Bold Buccaneer*. Puxou o fio da lâmpada pendurada no teto e, sob a luz amarelada, reparou no profundo tom jade dos olhos da mulher e na definição das maçãs do rosto, que lhe davam ao rosto uma forma em V sobre a base lisa do pescoço. Era bonita, apercebeu-se Cal, mas parecia agitada, impaciente. A mulher apontou para o rádio com uma das mãos enluvadas.

— Porque é que não está ligado?

Cal ligou o *Zenith*, percorreu chiados e zumbidos, tentando descortinar o que ela procurava, e, em poucos segundos, encontrou-o: Truman a informar o país de que a Alemanha se rendera às forças aliadas. Era o anúncio por que todos esperavam. Hitler morrera há uma semana. Os nazis tinham-se rendido aos britânicos na Holanda cinco dias antes. Mesmo assim, a notícia era de tirar o fôlego. Pela janela basculante que dava para a rua, ouviram gritos e assobios. Um carro buzina em toques curtos. Depois, outro e outro.

— Caramba — disse Cal. — Consegue imaginar como deve estar Berlim neste momento? Era bem provável que lá estivesse, não fosse por... — E abanou o sapato com a sola mais grossa.

Mas a mulher olhava fixamente para o rádio cor de caramelo. Os seus olhos brilhavam.

— Acha... — começou ela, e parou, como se não soubesse o que queria perguntar. Respirou fundo. — Acha que as pessoas vão começar a regressar?

— Da Europa? Espero que sim. O Hirohito ainda nos está a dar luta, de qualquer forma. Podem mandar os rapazes para o Pacífico.

A mulher pestanejou contra o ardor que lhe subia aos olhos, e enquanto Truman falava, observou aquele empregado da loja de ferragens, que, sentado atrás do balcão, parecia quase bonito, com os olhos

cinzento-azulados, o cabelo louro ondulado, como se tivesse sido acabado de despentear, o maxilar estreito e algumas primeiras rugas a emoldurar-lhe a boca. Agora que o via por inteiro, continuava quase bonito, mas de outra maneira. Não era muito alto e a postura parecia-lhe desequilibrada, estando as ancas inclinadas num ângulo quase desconfortável de ver. A gravata listada, com riscas pretas e douradas, estava enfiada entre dois botões a meio da camisa de algodão, e isso estava errado; a mulher tinha vontade de a puxar. Em vez disso, segurou-o pelos ombros, puxou-o para si e beijou-o.

Cal teria manifestado a sua surpresa se os lábios não estivessem colados aos dela. Beijaram-se até Truman terminar de falar. Quando se afastaram, ela desligou o rádio. Cal ouviu-a fungar e ofereceu-lhe o lenço. Ela encostou-o aos cantos dos olhos enquanto olhava para o catre e para a secretária minúscula, para o saco pardo com a maçã ao lado e para o livro de capa e espada requisitado na biblioteca.

— Mora uma criança aqui em baixo? — perguntou.

— *Não...* — Cal não soube explicar o tom alarmado da própria voz. Talvez fosse o embaraço da proximidade. Agora que o anúncio terminara, já não havia motivo para estarem ali. — É apenas onde tratamos da faturação, das encomendas e...

— Já agora, chamo-me Margaret — disse ela. — Salt.

— Cal Jenkins.

Apertaram as mãos e sorriram com a formalidade do gesto, tendo em conta o que acabara de acontecer entre os dois.

— É melhor ir andando — disse Margaret.

Ele seguiu-a escadas acima. O som dos seus passos era descompassado. Ela contou-lhe que estava a andar pela rua quando reparara nas pessoas a correr para os carros e a ligar os rádios; percebeu que se passava alguma coisa, mas não sabia a quem recorrer. Agradeceu-lhe, e antes de sair passou os olhos pelas prateleiras e pelos expositores situados no final dos corredores.

— Vivo nesta terra há quase seis anos e não entrei aqui uma única vez.

Cal limitou-se a acenar com a cabeça, pensando: *De certeza que me lembraria de ti.*

Ficou a vê-la pela janela da frente enquanto ela subia a rua. As buzinas continuavam a soar. Um rapaz trepara à caixa do correio do outro lado

da estrada e, com as mãos junto à boca, como um megafone, anunciava a rendição. Cal sabia que devia telefonar para casa, ver se Becky tinha o rádio ligado. Ela iria gostar de saber o que se passava, mesmo que não quisesse falar com ele. Passou as costas da mão pela boca e viu uma mancha de batom coral no polegar, espantando-se uma vez mais com o que acabara de acontecer. Disse a si próprio que, enquanto permanecesse ali, de pé diante daquela janela, enquanto Margaret Salt ainda estivesse ao alcance da sua vista, ele seria o homem que tivera de limpar do rosto o batom coral de uma bela desconhecida.

Ela dobrou a esquina da Durbin Street e desapareceu.

Três anos e meio antes, bastou um olhar para *Jenkins, Calvin M.* para que o médico do Exército percebesse tudo o que precisava de saber. Descalço, Cal não conseguia manter-se completamente direito ou sequer nivelar os ombros.

— Experimente o Corpo de Defesa Civil — disse o médico. — De certeza que precisam de si.

Estávamos em janeiro de 1942, menos de um mês depois do ataque a Pearl Harbor. O centro de recrutamento de Bonhomie estava cheio de rapazes simétricos à espera de se alistarem.

— Teria direito a um uniforme? — perguntou Cal.

Alguém atrás dele soltou uma risada.

— Uma braçadeira, talvez — respondeu o médico. — Obrigado por ter vindo, rapaz. Vista-se e vá para casa.

Escreveu qualquer coisa no cartão de Cal, carimbou-o e entregou-o à enfermeira para o processamento final.

Mas Cal pedira a tarde livre na fábrica de betão para ir ali, sem saber quanto tempo demoraria, e vivia num quarto com *kitchenette* na casa da Sra. Gautier, uma velha e trémula mansão vitoriana na Third Street, não propriamente o tipo de lugar onde lhe apetecesse ficar sentado a remoer. Assim sendo, conduziu o seu *Nash* vermelho-fosco pelas ruas cobertas de neve até ao Paulson's Food Market, comprou mantimentos com o livro de racionamento do pai e levou-os até ao velhote.

O acre de terreno a oeste da cidade e a casa amarela de dois andares que nele se erguia mal se pareciam com o lugar onde Cal crescera. O irmão, Robert, morrera de gripe quando Cal tinha 6 anos; a irmã,

Grace, de tuberculose quando ele tinha 9. Nesse mesmo ano, a mãe, Dora, de vários males, mas sobretudo de pneumonia. Restavam apenas Cal e o pai, e Cal saiu de casa assim que fez 18 anos. Era difícil imaginar em que estado estariam a casa e o velhote se não fosse a guerra — não a atual, mas a anterior — e toda a morte que se abatera sobre a família depois disso e toda a bebida que alimentara o sofrimento do pai. Havia agora em Everett uma espécie de distância voluntária que se acentuava com as faces cavadas, uma tendência para suspeitar de tudo e uma compulsão por acumular tralha que se tornava mais e mais voraz a cada ano — tudo isso fazia com que fosse bom a casa não ficar na pequena cidade. Era comum ver Everett a pedalar o seu carrinho pelas ruas de Bonhomie, parando para tirar coisas de dentro de caixotes do lixo e contentores. De vez em quando, alguém gritava com ele ou apresentava queixa. Mais do que uma vez, fora disparado um tiro de calibre .22 de uma das janelas do seu sótão contra um carro que passava, e o agente da polícia era obrigado a ir lá, pois o velho maluco da Compton Road estava outra vez a fazer das suas.

O problema era o modo como a cabeça do pai funcionava, pensava Cal. O problema era também a quantidade de *tralha*. Everett mal conseguira fazer com que a família sobrevivesse à Depressão e não suportava o desperdício. Guardava roupa de décadas passadas, a dele e a que encontrava. Guardava comida que nunca iria comer, comida já estragada. Guardava revistas, jornais, calendários, rótulos de latas. Botões, fósforos, tocos de lápis. Crânios de coelhos e esquilos que caçara e comera. Carretéis de linha e rolos de corda e de arame. Frigideiras de ferro fundido e sinos e badalos rejeitados da antiga fábrica de sinos. Guardava todo o tipo de utensílios de cozinha que encontrava ao remexer no aterro municipal ou no lixo dos outros. Guardava envelopes, catálogos, postais de aniversário enviados a desconhecidos. Continuava a não ter um armário de bebidas, mas havia garrafas de todos os tipos de álcool espalhadas e escondidas pela casa — compradas, encontradas ou recebidas como pagamento por algum trabalho ocasional. No quintal, havia cinco *Model T*, nenhum deles a funcionar. Tornaram-se recipientes para latas vazias e frascos de conserva, para bocados de madeira e peças de automóveis. Um deles, saído da linha de montagem no ano em que Cal nascera, fora transformado em galinheiro.

O velho tinha 61 anos, vira sucederem-se catorze presidentes (seis deles naturais do Ohio), e embora a visão lhe estivesse tomada por manchas e cataratas, escrevia cartas a todos eles desde Woodrow Wilson. Não tinha qualquer interesse em barbeiros: cortava o próprio cabelo e deixava crescer a barba grisalha, sempre longa e áspera. Era magro. Se alguém o visse nu, veria os ossos a quererem sair-lhe do corpo, não por doença, mas porque a comida, agora que vivia sozinho, se tornara num simples pormenor.

Estava no quintal quando ouviu os pneus do carro de Cal a entrarem na estrada de gravilha. Ouviu o motor desligar-se e, momentos depois, alguém a bater à porta da frente. Depois, passos a contornarem a casa, partindo suavemente a fina crosta de neve que se formara durante a noite.

— Pai?

Um cardeal-nortenho atravessou o cenário de neve numa linha escarlate. Ali estava Cal, entre a pequena arca frigorífica da *Coca-Cola* e o guarda-roupa, com um saco de compras debaixo do braço.

— Esses ouvidos estão a funcionar, pai?

— Perfeitamente. — Na verdade, nada de «perfeitamente» desde Saint-Mihiel, mas ainda funcionais.

— Se não te conhecesse, diria que estás a engordar. Quantas camadas de roupa tens vestidas?

Everett, que envergava quatro casacos, dois cachecóis, um cobertor e, por baixo de tudo, um pijama, arrastava uma roda com o pneu murcho em direção à garagem nas traseiras da casa. Nos poucos dias desde a última visita de Cal, o pai conseguira, de algum modo, colocar os cinco *Model T* de pé e remover-lhes as vinte rodas. Os carros estavam apoiados em macacos e toros de madeira. Os pneus, vazios, jaziam num monte junto à garagem, à exceção daquele que arrastava agora pela neve. Tudo aquilo sugeria a Cal que o pai, pelo menos, não tinha andado na bebedeira.

— O que é que estás a fazer?

Como se já estivesse cansado de ter de responder a essa pergunta (embora não falasse com ninguém desde a última visita do filho), Everett, arrastando o pneu mais uns metros, respondeu num tom irritado:

— A manter a minha borracha e o meu metal longe de certas e determinadas garras.

Havia trilhos na neve a ligar cada um dos carros ao sítio onde agora estavam as rodas e os pneus.

— Que garras, pai?

— As institucionais — disse Everett, sem levantar os olhos. — Governamentais. Se quiseres isto por escrito, tens de esperar até eu ter tempo.

Deixou cair o pneu e bateu as luvas uma na outra, atirando flocos de neve para a barba.

Cal acenou com a cabeça.

— Vou guardar as compras, então.

Levou o saco pelas traseiras, subindo os degraus carcomidos até à antiga entrada de serviço, onde, em criança, se sentava num banco para descalçar os sapatos ao regressar da escola. O banco estava agora soterrado sob jornais e catálogos, e, do lado oposto, empilhavam-se ferramentas, casacos e cobertores, o que tornava o caminho quase estreito demais para passar. Entrou na cozinha, onde a mãe, loura como ele e a irmã, costumava preparar as refeições, ajudá-los com os trabalhos da escola e a recitar de cor as capitais dos quarenta e oito estados. Das cadeiras, apenas uma estava livre, sendo que as restantes serviam de apoio a caixotes e caixas; a mesa, por sua vez, estava tão coberta de tralha que mal se percebia o que era. O chão afundava-se em certos pontos e rangia em todos os outros. O teto estava manchado de humidade, parecendo um verdadeiro céu de tempestade.

Everett dissera ficar feliz quando Cal, aos 18 anos, lhe anunciara que ia sair de casa. Disse que estava farto das suas lamúrias sobre a forma como viviam, sobre o estado da casa e a bebida. Lamúrias, dizia, desde que Cal tinha 11 anos. E nisso tinha razão: fora no ano após a morte da mãe, o ano em que tudo, de algum modo, piorara. Cal nunca conseguira afastar a sensação de que, de toda a família, era o último com quem o pai teria querido ficar, e, no entanto, lá estavam os dois.

Empilhou as compras na única nesga livre que encontrou na bancada e depois encheu o saco com o que trouxera nas semanas anteriores, coisas que, entretanto, tinham apodrecido. Fruta desfeita. Pão duro como pedra. Uma cebola mole e viscosa. Levou o saco malcheiroso pela porta da frente até à bagageira do carro, para o pai não conseguir vasculhá-lo depois de ele se ir embora.

No quintal, Everett desenrolava o fio de latão que prendia as portas duplas da garagem e abriu-as, desenhando um par de asas na neve. Concluiu que não havia espaço para vinte pneus lá dentro, nem mesmo vazios; teria de tirar algumas coisas, decidir o que poderia ser sacrificado aos ladrões, caso aparecesse algum enquanto dormia ou estava fora. Mais do que algumas coisas, pensou depois, porque também precisava de arranjar espaço para a arca de refrigerantes, todas as peças de automóveis, as latas, as chapas e os tubos de chaminé. Sim, todo o metal e borracha visíveis tinham de ser escondidos.

Arrastava um aparador para fora da garagem quando Cal reapareceu.
— Deixa-me ajudar-te.

O pai abanou a cabeça barbuda.

— Isto nem sequer era nosso — disse Cal, passando a mão pela madeira.

Everett empurrou o aparador o suficiente para que as portas da garagem não lhe batessem, depois apoiou os cotovelos sobre ele e fitou Cal. Tinha os olhos raiados de sangue, talvez apenas de irritação.

— Vieste trazer-me comida? — Cal anuiu. — E já a trouxeste?

— Sim.

Everett mexeu a boca como quem tenta separar uma espinha do naco de peixe.

— Estou ocupado.

Cal olhou em volta: o quintal parecia um cemitério de sucata caótico, tudo coberto de neve. Uma galinha ergueu a cabeça do banco de um dos *Model T* e lançou-lhe um olhar de lado.

— Há muitos rapazes a inscreverem-se no centro de recrutamento — disse Cal. — Voluntários. É impressionante.

— Hum.

— Estão alinhados Union Street fora.

Everett puxou uma das gavetas do aparador. Bateu-lhe com o punho, voltou a puxar. Vazia.

— Queria dizer-te que tentei alistar-me esta tarde — disse Cal.

Durante anos, Everett vergara-se ao peso da idade, como certos velhos fazem. Agora, diante dos olhos de Cal, parecia endireitar-se, crescer até os olhos azul-acinzentados ficarem ao nível dos do filho.

— Porquê?

— *Porquê?* Porque quero fazer parte disto. Só isso. Lutar contra o Eixo. Tu sabes o que isso é. *Tu* também te alistaste.

Everett fez uma careta.

— Ouve-te a ti mesmo. «Lutar contra o Eixo.» E nem sequer me pediste opinião?

— Não preciso de a pedir, pai. Tenho 21 anos. Estou registado há três.

— Pois perdeste o teu tempo. Não te aceitaram, pois não? Por causa da perna.

— Não.

A postura de Everett voltou a diminuir. Forçou a segunda gaveta do aparador, espreitou, empurrou-a de novo.

— Entretanto, aumentaram o limite de idade para 64. Provavelmente, aceitavam-me a *mim* amanhã, se lá fosse, mas a ti recusaram-te. Isso é que é um murro no estômago.

Cal enfiou as mãos nos bolsos.

— Seja como for, tentei.

— Não devias ter-te dado ao trabalho. Eu continuo a escrever àquele filho da mãe da Casa Branca. Continuo a dizer-lhe que consigo ver exatamente que tipo de pessoa é, mesmo através de toda esta confusão infernal. Se cortássemos o petróleo ao Japão, disse-lhe eu, o Japão viria atrás de nós. Mas sabes que mais? Ele *queria* que viessem atrás de nós, porque mal podia esperar para meter o país nesta guerra. Enfia praticamente toda a Marinha num único porto e agora temos mais de dois mil homens mortos. Alguns nem tempo tiveram de vestir as calças. — Everett inclinou-se de lado e cuspiu. — No dia em que nasceste e uma das tuas pernas veio curta, o médico disse que, tirando o defeito, estavas saudável, e eu, nesse instante, pensei: pronto, está decidido. Se houver outra grande guerra, ele nunca há de estar nela.

Querendo afastar-se do pai e da palavra «defeito», Cal disse:

— Está bem, pai, vejo-te daqui a uma semana. — E começou a caminhar para o carro.

— Ei! — chamou Everett. E um momento depois: — Raios te partam! Pára!

Cal continuou a andar. Percebeu que todo aquele dia tinha sido má ideia. Quando é que ia aprender? Quando é que ia deixar de

tentar impressionar aquele velho maluco? Chegou ao *Nash* e abria já a porta do condutor quando alguma coisa lhe bateu com força nas costas do casaco.

Uma bola de neve, como se revelou. Moldada e endurecida por um par de mãos cansadas e artríticas. Everett estava a alguns metros de distância, ofegante por se ter movido tão depressa. O hálito cristalizava-se-lhe diante do rosto.

— Estou *contente*, era isso que te estava a tentar dizer.

No dia seguinte, Cal ponderou deixar crescer a barba. Pensou em mudar-se para outra cidade, para um sítio onde ninguém o conhecesse, e usar o nome do meio: *Maurice Jenkins*, *muito gosto*. Tudo só para poder afirmar que estivera na guerra, que fora ferido e que voltara para casa a coxear. Pela manhã, empurrava sacos de mistura de cimento para dentro de um armazém enorme e gélido, sentindo-se desprezível por sequer ter tido tal pensamento. À tarde, só queria afogar a frustração num *root beer float*¹. Passou o resto do turno a lavar camiões com a mangueira, de botas mergulhadas numa papa de neve derretida e lama granulosa. Depois, picou o ponto, lavou-se rapidamente num dos lavatórios e conduziu pela neve enlameada até à Drogeria Fink.

Antes de entrar, apanhou o seu reflexo de relance na montra: o mesmo casaco axadrezado verde e preto que usara no liceu, o cachecol puxado até ao nariz, o gorro de malha. Quando tirou o gorro e passou a mão pelo cabelo, levantou-se uma nuvem de pó cinzento que se espalhou pela Fordham Street.

Estavam duas pessoas sentadas nos extremos opostos do comprido balcão de madeira, e várias mulheres a comerem sanduíches e a beberem refrigerantes numa das mesas. Usavam camisolas de tons pastel, com emblemas cosidos nas mangas. Uma delas tinha insígnias de oficial presas à gola, certamente uma lembrança do marido ou do namorado.

Cal despiu o agasalho e colocou-o sobre um banco vazio, ao balcão. Sentou-se e assoou-se a um guardanapo. Mais pó de cimento. Pediu o refrigerante.

¹ Bebida à base de *root beer* (refrigerante de casca de raiz de sassafrás ou salsaparrilha), com uma bola de gelado. (*N. do T.*)

Mary Lisnik, que andava perto dos 50 e trabalhava na Drogaria Fink desde os 17, arqueou as sobrancelhas e, tentando seduzir o cliente, disse com surpresa fingida:

— Temos uma sobremesa nova.

— Duvido.

— Dá-me uma oportunidade. Leva manteiga de amendoim e banana, chama-se Tarte Paraquedista. — Fez um gesto com o cigarro em direção ao quadro de ardósia que estava atrás de si, no qual se podia ver o nome escrito ao lado de um pequeno desenho de um paraquedas. — Desce que é uma beleza. Percebeste?

— Só o *float*, obrigado.

— Deus o queira² — disse Mary Lisnik, empurrando a tampa da arca com a palma da mão.

Quatro bancos adiante, no canto do balcão, Becky Hanover lia um livro e bebia chá. O livro era *Um Crime no Expresso do Oriente*. Becky sabia, graças a um artigo de revista, que Agatha Christie desaparecera uma vez durante dez dias. Supunha-se que sofrera de amnésia e que vagueara num surto de confusão mental. Durante o desaparecimento, o seu amigo Sir Arthur Conan Doyle dera uma das suas luvas a uma médium na tentativa de a encontrar. Depois, com ou sem ajuda da médium (o artigo não dizia), Christie fora descoberta num hotel a várias cidades de distância. Dizia-se que o desaparecimento tinha sido motivado por problemas conjugais: ela queria apenas desaparecer por uns tempos.

Becky tentara uma vez resolver um mistério. Tinha 9 anos quando o pai da sua amiga Norma Shefflin saíra numa noite chuvosa e gelada para comprar cigarros e nunca regressara. O Sr. Shefflin foi dado como desaparecido, e após dias de busca da polícia, a esposa acabou por admitir que tinham discutido e que ele saíra furioso, por isso talvez tivesse simplesmente... fugido. Os vizinhos deixaram então de comentar o mistério do desaparecimento para começarem a comentar o descaramento de um homem que abandonara a família. Um mês depois, Becky estava no quintal dos Shefflins a fazer um boneco de

² Jogo de palavras com *float*, que significa também «flutuar» [como um paraquedista]. (*N. do T.*)

neve com Norma e outras meninas quando ouviu a voz do Sr. Shefflin na sua mente, clara como água.

Diz-lhes que não estou longe.

Parou de rolar a bola de neve. Escutou.

De novo, a voz: *Diz-lhes que não estou longe.*

— O teu pai não está longe — disse a Norma.

No alvoroço que se seguiu — a confusão de Norma, o alarme da sua mãe —, Becky explicou que o homem desaparecido lhe falara dentro da cabeça por duas vezes. A Sra. Shefflin telefonou aos pais de Becky, que ficaram consternados e pediram desculpa pelo comportamento da filha.

Nessa noite, Ida e Roman Hanover sentaram-na com a filha à mesa de jantar e pediram-lhe que se explicasse. A certa altura, Ida limitava-se a olhar para o teto e Roman semicerrava os olhos, como quem tenta ver para lá do rosto da filha.

— Foi só isso? — perguntou ele. — Ouviste alguém que não estava lá?

Becky acenou que sim com a cabeça.

— Não voltes a fazer isso.

— Mas e se eu ouvir outra vez?

— Não ouças — disse o pai. — Mais vozes, não.

Depois, chegou a primavera, e o rio Laurie descongelou ali perto; a cerca de uma milha da cidade, na extensão do rio que corria ao longo da estrada estadual, um homem com botas de pescador que pescava com linha descobriu o carro do Sr. Shefflin com o Sr. Shefflin lá dentro. Norma deixou de ser sua amiga e os Shefflins mudaram-se para a Virgínia no ano seguinte.

Mas o Sr. Shefflin tinha razão, tal como Becky: não estava longe. Era frustrante, o facto de ninguém parecer compreender isso, mas ajudava a explicar por que razão, ao longo dos anos, Becky continuou a ouvir vozes — de homens e mulheres, por vezes crianças —, as quais lhe diziam coisas que não sabia. *Tournesol*, por exemplo. Uma rapariga invisível sussurrara-lhe *c'est un tournesol* certa vez ao ouvido, enquanto ela desenhava um girassol. Becky teve de ir à biblioteca procurar a palavra num dicionário. Depois de lutar com a ortografia, encontrou-a. *Tournesol*: girassol.

J'aime tes cheveux. A menina também lhe dissera isso. *Gosto do teu cabelo.*

Becky acreditava que os mortos permaneciam entre os vivos por ainda terem algo a dizer, embora alguns também aparecessem para ouvir. Acreditava que, neste mundo, nos arrepiávamos quando alguém no futuro passava sobre o nosso túmulo, e que o couro cabeludo formigava quando um estranho nos observava. Sentiu esse formigamento enquanto lia. Levantou os olhos do livro e observou primeiro o homem no fundo do balcão, de ombros largos moldados num fato e a cabeça a pender-lhe em cima como um saco de batatas; depois, as três mulheres sentadas à mesa, o farmacêutico ao fundo, com um par de óculos no rosto e outro no alto da cabeça calva, e ainda a mulher atrás do balcão, cujas tranças espreitavam por cima das orelhas enquanto fumava e lia o jornal; e por fim, o jovem louro que apoiava o cotovelo no balcão e a mão na cabeça, enquanto bebia de um copo alto por uma palhinha.

Reconheceu-o da escola. O rapaz bonito que coxeava, que não praticava desporto. Nunca tinham falado um com o outro.

Pegou na chávena, no pires e no livro, e foi sentar-se no banco ao lado do dele.

— Estavas a admirar-me? — perguntou, surpreendendo-o.

Usava uma boina preta e uma capa vermelha. Cal disse que não, mas ela aclarou a voz e afirmou ser muito intuitiva.

— Estão a bombardear a Austrália — disse Mary Lisnik atrás do balcão, para ninguém em particular.

O homem da cabeça de saco levantou o olhar da sua sanduiche.

— Isso aconteceu na semana passada.

— Este é o jornal de hoje — respondeu Mary Lisnik —, portanto ainda deviam estar a bombardeá-la ontem.

— *Intuí* que estavas a admirar-me — disse Becky a Cal. — O que quer dizer que, se não estavas, vais estar em breve.

— Bem, acho que agora estou — disse Cal.

— Este livro chama-se *Um Crime no Expresso do Oriente* — disse ela, como quem apresenta um trabalho de escola. — É sobre um homem terrível que faz coisas terríveis e depois acaba num comboio com quase todas as pessoas a quem as fez. Não te vou estragar o final.

Cal já sabia que ela era Becky Hanover, a pequena, bonita e ligeiramente estranha rapariga que estava um ano abaixo do dele, na escola.

Lembrava-se vagamente de a ouvir recitar o *The Raven* numa reunião geral de alunos durante a tarde. Tinha um rosto redondo e agradável que surgia no meio de todo aquele cabelo castanho-escuro e encaracolado. Vira-a sozinha no refeitório e nas bancadas de um jogo de futebol americano, e pensara em aproximar-se, em dizer olá, mas nunca tivera coragem. Foi a primeira boina que viu que não estava na cabeça de alguém num filme.

— Adoro mistérios. E tu, o que é que gostas de ler? — perguntou ela.

Tentando encontrar uma resposta que não fosse banda desenhada, coisa que, naquela altura, compunha ainda a maior parte das suas leituras, Cal disse:

— Enciclopédias.

Becky riu-se. Ele quis saber qual era a graça.

— Não há assim tantas enciclopédias — disse ela. Olhou para o cabelo dele e pareceu ficar também divertida com isso. — Tens um remoinho.

— Todos os dias. A minha mãe fartou-se de tentar alisá-lo quando eu era miúdo. Dizia que o remoinho voltava sempre.

— Também estás um bocadinho sujo.

— Estou?

— Aqui — Becky levantou a mão e tocou-lhe com a ponta do dedo na parte lateral do pescoço.

Cal sentiu uma faísca agures por baixo das costelas.

— É do trabalho. Fábrica de cimento.

— Eu trabalho na papelaria Dixon, na Eleventh Street — disse ela. — Sou muito boa a ajudar as pessoas a escolher o papel de carta certo. Recebeste alguma má notícia ultimamente?

Será que o seu estatuto de inapto se lhe via na cara? Cal voltou a sorver a sua bebida.

— Diz a verdade — insistiu ela.

Ele já gostava dela — tinha uma voz suave, levemente rouca, e mantinha os olhos tão abertos que se podiam ver as íris inteiras, de um castanho tão escuro que mal se distinguiam as pupilas. Apesar das suas excentricidades, tinha uma presença reconfortante. Mas ele não ia dizer-lhe a verdade. Não queria falar de como se sentia desiludido, frustrado, inútil.

Mary Lisnik coçou a face com a mão que segurava o cigarro e disse:
— Agora, estão a prender todos os japoneses na Califórnia. Até os que são americanos.

O homem da cabeça de saco amarfanhou o guardanapo.

— Se são japoneses, não são americanos — disse. — E já os andam a prender há algum tempo. Tens a certeza de que esse jornal não é da semana passada, perna boa?

Quando Mary Lisnik ergueu o olhar por cima do *Toledo Blade*, o ódio irradiava de dentro deles. Depois, reparou no prato vazio do homem.

— Que tal uma fatia de Tarte Paraquedista?

Becky inclinou-se mais para Cal.

— Se são más notícias, não hão de durar para sempre — disse ela.

Cinco semanas e outros tantos encontros depois, estavam numa fila num passeio cheio de neve à porta do cinema Bonhomie Bijou, prestes a ver o *Valley of the Sun*, quando ela lhe entregou um pequeno envelope lacrado. Segundo ela, continha uma carta que escrevera a si própria aos 8 anos, uma carta onde descrevia uma visão que tivera do seu eu futuro. Cal prometia guardar a carta e devolver-lha no seu sexagésimo aniversário?

Era a coisa mais estranha que alguém lhe pedira. Ele não era alto, mas era alguns centímetros mais alto do que ela, e já se habituara a olhar ligeiramente para baixo, já se habituara a ver-lhe os olhos escuros sorrirem-lhe de volta. Habituara-se a quase tudo nela e, ainda assim, ela conseguia surpreendê-lo.

— Porquê aos 60?

— Porque nessa altura já me terei esquecido do que escrevi. E quero que a guardes para ter a certeza de que não dou uma espreitadela antes de ter passado tempo suficiente.

— Mas, se queres esquecê-la, porque é que a escreveste?

— É esse o propósito — disse Becky. — Será que conseguimos conhecer o futuro? Seremos em velhos aquilo que os nossos eus mais novos pensavam que iríamos ser? Só o poderemos descobrir se o escrevermos e depois o pusermos fora da cabeça, deixando que a vida siga o seu curso. O desenrolar do tempo deve ser uma coisa misteriosa, não achas?

Cal nunca pensara no desenrolar do tempo.

— Acho que sim — disse.

— E então? Prometes que guardas a carta?

Ele assentiu com a cabeça, ela entregou-lha, e ele meteu o envelope no bolso do casaco. Depois, ela perguntou-lhe se ele alguma vez escrevera uma carta para si próprio, e ele, com receio de que as pessoas na fila ouvissem aquela conversa sobre o «futuro», beijou-a para a calar.

Foi o primeiro beijo a sério deles, e, embora interessante, nenhum dos dois sabia bem o que estava a fazer. Os lábios desajeitados mexeram-se um contra o outro. As línguas tocaram-se por um instante e recuaram. Alguém atrás deles na fila disse:

— Vamos lá andar, pessoal.

No fim da noite, sentados no carro dele em frente à casa dos pais dela, em London Hill — que, na verdade, não era uma colina, mas, sim, um dos bairros mais abastados da cidade —, Becky voltou ao assunto.

— Quanto àquela carta — disse.

Cal pensou que ela ia pedi-la de volta, que talvez tivesse feito alguma coisa de errado durante o encontro. Mas ela só queria que ele soubesse que se algum dia escrevesse a sua própria carta, coisa que ela deduzia que ele não tinha feito, podia dar-lha para guardar.

Estava novamente a nevar. Os flocos eram grandes e colavam-se ao para-brisas num pequeno rendilhado. Cal só conseguiu dizer:

— Obrigado.

Ela sorriu e beijou-o. O beijo foi menos desajeitado e ainda mais interessante. Continuaram a beijar-se.

Não tinham muitos interesses em comum, mas à medida que a primavera deu lugar ao verão, perceberam que o seu terreno comum eram *eles próprios*. O desejo de estarem juntos. Os turnos de Cal na fábrica de cimento começavam e acabavam mais cedo do que os de Becky na papelaria, e ele esperava muitas vezes por ela à saída.

— Tenho uma ideia — disse ele numa tarde de sábado, sentados no banco entre as roseiras do quintal da pensão. — Porque não passamos à socapa pela Sra. Gautier e entramos no meu quarto? Sabes... para nos enroscarmos.

«Enroscar» era o termo que usavam para tudo o que faziam, e não envolvia tirar a roupa nem ter sexo propriamente dito (eram ambos

virgens e queriam esperar). Ela esboçou um sorriso trocista que ainda estava a testar. Subiram.

— Tenho uma ideia — disse ela numa tarde de início de verão, enquanto passeavam pelo trilho à volta do lago Meyer e ele explicava porque é que histórias de polícias e ladrões não eram bom material para banda desenhada. — Porque não paramos de falar e nos enroscamos debaixo de uma destas árvores?

Ele calou-se e enroscaram-se.

Becky era a primeira coisa em que Cal pensava ao acordar. Vê-la, ouvir a sua voz suave e levemente rouca, beijá-la. Para Becky, Cal era o rapaz mais doce e atencioso que alguma vez conhecera. (Tivera vários namorados antes dele, nenhum por muito tempo.) Quando ele se esforçava por lhe mostrar o quanto gostava dela, o seu rosto de rapaz ganhava traços de apreensão por não saber se o estava a fazer da maneira certa, e isso enternecia-a.

A certa altura nesse verão, deixou de ter medo que ele perdesse o interesse. Começou a pensar que Cal era alguém cujos defeitos iria conseguir perdoar quando viessem ao de cima. Porque ele havia de os ter; ela também tinha os seus. Na verdade, já havia um que ela perdoava: às vezes, quando comia, ele limpava a boca com as costas da mão ou com a manga. E ela nunca lhe dissera nada (ainda) porque gostava dele. Na verdade, o que sentia era muito mais do que apenas gostar.

Certa noite, estavam eles sentados frente a frente no Blue Top Diner e ela descrevia uma sessão espírita que fizera com a amiga de infância, Janice, para tentar contactar o fantasma de Joana d’Arc, Cal interrompeu-a para lhe perguntar o que a levava a interessar-se por sessões espíritas. Ela contou-lhe sobre o pobre Sr. Shefflin a sussurrar-lhe na cabeça. Cal lembrava-se de ouvir falar do *Model A* com o cadáver lá dentro que fora retirado do rio Laurie. Depois, Becky contou-lhe como, uns anos mais tarde, tinha ela 12, o fantasma de uma mulher da tribo seneca lhe aparecera ao lado da cama. Becky estava com papeira e a mulher esfregara-lhe umas ervas esmagadas no peito, fazendo com que a garganta deixasse de lhe doer. Desaparecera antes que Becky pudesse agradecer-lhe — evaporara-se, juntamente com as ervas —, por isso fora à biblioteca procurar formas de comunicação entre vivos e mortos.

A história da mulher que desaparecia pareceu ainda mais inverosímil a Cal do que o homem afogado que falava dentro da cabeça dela.

— Bem — disse ele, salpicando o hambúrguer de sal —, tinhas febre.

— Tinha, sim. Uma febre horrível.

— Foi isso, não achas? Não costuma haver uma explicação científica para esse tipo de coisa?

— Tem de haver?

— Em criança, se calhar não.

— Isso vindo de um adulto que ainda lê bandas desenhadas. — disse ela, recostando-se.

Não tivera intenção de a irritar. Agora, achava que ela estava a tentar fazê-lo sentir-se estúpido.

— Algumas baseiam-se em romances.

— Quais? Teve de pensar.

— *Tarzan*.

— São bandas desenhadas. São tirinhas aos quadradinhos agradadas umas às outras.

— É um passatempo — disse ele.

— Como o teu.

— Achas que o meu passatempo está ao nível de ler um livro aos quadradinhos sobre homens de *collants* que lutam contra os maus?

— Não — disse ele.

— Esquece o que eu disse.

— Eu sei o que me aconteceu.

— Claro que sabes.

— Não pareces muito convencido.

Seria aquela a primeira discussão? Estariam a discutir? Ele ergueu as mãos em sinal de rendição.

Falaram pouco enquanto acabavam de comer. Ela saiu do *diner* enquanto ele pagava a conta. Só para ficar à espera no passeio, pensou ele, mas, ao receber o troco, começou a recear que ela já não estivesse lá quando saísse. Que tivesse decidido que ele não valia a pena e ido embora. Desaparecido da sua vida.

Um entardecer de fim de verão. O Blue Top ficava na Fleming, uma rua larga ladeada por lilases que atravessava dois bairros maioritariamente residenciais. Havia gente na rua com os filhos, pessoas a passear os cães. Regressados do treino militar, homens de uniforme caminhavam com o braço em torno das namoradas ou das esposas. Num banco, um casal de

idosos avaliava quem passava. Mas Becky não estava em lado nenhum. Cal sentiu o rosto a aquecer. Olhou para um lado e para o outro, o seu estômago apertava-se de pânico, e foi então que a viu, a uns seis metros de distância, de costas viradas para ele. Estava a olhar para longe. Quando ele se aproximou, ela lançou-lhe um olhar de soslaio, pegou-lhe na mão e ofereceu-lhe um pequeno sorriso que exprimia tanto perdão como simples vontade de seguir em frente. Voltou a erguer os olhos para o céu que escurecia sobre o telhado pontiagudo do outro lado da rua.

— Lua gibosa — disse ela.

Casaram-se em setembro de 1942, na Primeira Igreja Episcopal. Além do ministro, do organista, dos noivos, da dama de honor (Janice, a amiga de Becky) e do padrinho (Everett, que vestia um fato de ar oleoso que lhe assentava mal, e que passou grande parte da cerimónia a zumbir baixinho como uma abelha), havia menos de uma dúzia de pessoas na assistência, incluindo os pais de Becky, os pais de Janice, o diretor da escola secundária que ambos tinham frequentado e uma velha que morava na rua da igreja e comparecia a todos os casamentos e funerais. Becky chorou e chorou, primeiro durante os votos de Cal, depois durante os dela. Chorou enquanto subiam o corredor ao som da *Ode à Alegria* e chorou à porta da igreja sob a chuva de arroz. Quando Cal, sorrindo, lhe perguntou porque chorava tanto, ela respondeu que era porque o amava e porque estava muito feliz por se terem encontrado. Cal também estava feliz.

O fresco ar outonal batia contra os seus rostos, secando as lágrimas. Ninguém prendera o que fosse ao para-choques do *Nash* porque todas as latas já tinham sido requisitadas, mas Janice pintara CASADOS DE FRESCO no vidro de trás em remoinhos exuberantes.

UM DOS MELHORES LIVROS DO ANO

The New York Times, The Washington Post, New York Post, People, Minnesota Star Tribune, NPR, Chicago Public Library

Uma cidade. Duas famílias. Um segredo que muda tudo.

No exuberante rescaldo da vitória dos Aliados na Europa, Cal Jenkins, um homem ferido não pela guerra, mas pela sua incapacidade de servir nela, vive um momento único e transformador de paixão com Margaret Salt, uma mulher determinada a deixar o passado para trás. Cal é casado com Becky, cujos dons espirituais ajudam os vivos a comunicar com os seus mortos, enquanto o marido de Margaret, Felix, está em serviço num navio de carga da Marinha, onde se acredita que esteja seguro – até um telegrama sugerir o contrário.

O que começa como uma transgressão passageira torna-se um segredo complexo que une irrevogavelmente os quatro de maneiras inesperadas. À medida que a pequena cidade do Ohio se reconstrói no pós-guerra, as famílias Jenkins e Salt permanecem na órbita uma da outra, e as consequências desse encontro antigo começam a emergir, reverberando na geração seguinte e obrigando-as a repensar quem julgavam ter sido até então, bem como o que o futuro lhes reservava.

Um romance épico sobre lealdade, sacrifício e perdão, fruto de um profundo conhecimento do espírito humano, que captura na plenitude o desejo universal de amor e bondade.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

penguinlivros.pt

penguinlivros

ISBN: 978-989-589-782-7



9 789895 897827